



Antônio Maria: o “tomba” cardisplicente¹

Moacir Barbosa de Sousa²
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo

Este trabalho tem como fim a discussão sobre a participação do pernambucano Antônio Maria no rádio, na música brasileira e na crônica carioca a partir de algumas de suas obras musicais e jornalísticas. Algumas de suas composições musicais se incluem no rol das melhores da MPB; cinco delas são do gênero dor de cotovelo, um frevo, um elogio em forma de valsa ao Rio de Janeiro e um tema de filme: *Menino Grande*, *Ninguém me Ama*, *As suas Mãos*, *Se eu Morresse Amanhã*, *O Amor e a Rosa*, *Frevo número 1 do Recife*, *Valsa de uma Cidade* e *Manhã de Carnaval* (do filme *Orfeu do Carnaval*). O reconhecimento, no entanto, não foi proporcional à importância do seu legado. Autores de obras da história da MPB não o citam: Ary Vasconcelos, Lúcio Rangel e Vasco Mariz.

Palavras-chave

Música brasileira; rádio; crônica; indústria fonográfica

Introdução

*Já é noite. Sairei pelas ruas, dormirei nos bares,
na eterna procura de alguma coisa que não deve haver.*

O presente trabalho não pretende biografar a vida do pernambucano Antônio Maria (o que já foi feito por Joaquim Ferreira dos Santos), mas apresentar de forma sucinta sua trajetória no rádio, na música brasileira e na crônica carioca a partir de algumas de suas obras musicais e jornalísticas, retirando-o do esquecimento. Nove de suas composições musicais se incluem no rol das melhores da MPB, cinco delas do gênero dor de cotovelo (*Menino Grande*, *Ninguém me Ama*, *As suas Mãos*, *Se eu Morresse Amanhã*, *O Amor e a Rosa*), um frevo (*Frevo número 1 do Recife*), um elogio ao Rio de Janeiro (*Valsa de uma Cidade*) e um tema de filme (*Manhã de Carnaval*, de *Orfeu do Carnaval*).³ Sobre sua produção, Castro (1990, p. 90) diz que

Pela onipresença de suas músicas, tinha-se a impressão de que Maria compunha muito. Na verdade, produziu até pouco: cerca de sessenta canções, e mesmo assim se você contar os frevos, dobrados e maxixes que seus amigos, caridosamente, elogiavam. [em *Valsa de uma Cidade*], o repórter-letrista Antônio Maria usava um estilo câmara-olho que seria adotado na Bossa Nova por seu futuro arquiinimigo Ronaldo Bôscoli.

O reconhecimento, no entanto, não foi proporcional à importância do seu legado. Estudiosos da história da MPB como Ary Vasconcelos, Lúcio Rangel e Vasco Mariz

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor Associado do Departamento de Comunicação Social da UFRN – e-mail moacirbs8@oi.com.br

³ Rubem Braga foi indicado por Luiz Bonfá aos produtores do filme para escrever a letra de *Manhã de Carnaval*, porém, alegando não lidar muito bem com samba, Braga sugeriu Antônio Maria.



não o citam. Mais recentemente, Sérgio Cabral e Ruy Castro o mencionam de passagem em *No Tempo do Almirante* e *Chega de Saudade*, respectivamente. Joaquim Ferreira dos Santos faz referência a seu nome em *Feliz 1958, o ano que não devia terminar*. Ivan Lessa organizou a coletânea *O Jornal de Antonio Maria*, publicado em 1968 pela editora Saga. Em 1996, Santos escreveu uma biografia sobre Maria (como era chamado o biografado): *Antônio Maria – noites de Copacabana*. Santos (1996, p. 36) comenta:

Foram 15 anos de rádio, programas marcantes e uma inteligência de destaque na era de ouro do veículo. Mas a dispersão por outras atividades, no entanto, prejudicou o reconhecimento, com o peso necessário, de seu grande talento. Renato Murce, o criador de “Papel Carbono”, a origem dos programas de calouros no país, escreveu o livro *Bastidores do Rádio*, uma geral no assunto desde 1922. Fala de todo mundo, dá até um bom perfil de Moisés Weltman, autor de “Jerônimo, o Herói do Sertão”, o que é justo. Mas não cita Maria uma única vez. Na televisão, nosso herói pegou o início do videotape – todos imediatamente apagados depois de ir ao ar para se gravar em cima algum gol de domingo. Não ficou nada.

De 1948 até 1964, ano em que morreu, Maria escreveu uma coluna muito popular nos jornais *Diário Carioca*, *O Jornal*, *Última Hora* e *O Globo*, onde registrava o dia a dia da Zona Sul, leia-se Copacabana. Apesar de nordestino, em seu trajeto pelas noites do Rio, logo cedo adquiriu o jeito carioca; como cronista e boêmio, Maria se movia com facilidade nesse espaço captando o espírito da boemia carioca dos anos 50, como, por exemplo (Morais, 1996, pp. 39/40).

Tão cedo não se repetirá um domingo com o foi o de Copacabana, desde que começamos a ganhar de 2 X 1. Homens e mulheres, de mãos dadas, amavam-se sem se conhecer. Inimigos se perdoavam e se abraçavam felizes, pelas ruas e calçadas. Confesso que tive medo de encontrar os meus desafetos e, num arroubo, abraçar e ser abraçado. Que é que iria fazer, na segunda-feira, com eles outra vez na minha intimidade? Graças a Deus, não os vi e saí das comemorações com o mesmo e prezado número de inimizades do meu dileto acervo. [...] Muitas coisas engraçadas pelas ruas. Começaram a aparecer listas. Uma delas arrecadava dinheiro para os filhos de Pelé. Quando o assinante afirmava que Pelé não tinha filhos, o dono da lista argumentava: - Não tinha, até agora. Mas depois desses dois gols vocês vão ver. Essas listas corriam as mãos do povo (e todos sabiam disso) para que fosse possível comprar mais aguardente e cerveja. Era justo que todos bebessem. A vida estava linda, transitoriamente linda, e dali a pouco caíam em sua sombra costumeira.

Trazia um sobrenome ilustre – Morais, como o do poetinha Vinicius, que o chamava de “o bom Maria”, e com quem conviveu nas noitadas de Copacabana. Santos (op. cit. p. 60) narra o fim de uma noitada dos dois amigos: por volta das seis horas da manhã, saindo de uma boate, cruzaram com um grupo de pessoas fazendo ginástica na praia; Maria disse: “– Vamos fazer um pacto. Juramos neste momento que jamais participaremos de uma calhordice como a desses sujeitos. Jamais faremos qualquer esforço físico desnecessário. Topa?” Depois da aprovação de Vinicius, apertaram-se as mãos



selando a promessa. Morto há 45 anos, a lembrança de Maria foi junto; apenas uns poucos estudos e artigos, e uma esparsa pesquisa histórica procuram trazê-la de volta.

Contexto nacional e o êxodo nordestino

O homem só tem duas missões importantes: amar e escrever à máquina. Escrever com dois dedos e amar a vida inteira.

Para melhor entender a trajetória do radialista, jornalista e compositor é preciso um mergulho no mundo da radiodifusão e da cultura nordestinos e da boemia carioca dos anos entre 1950 e 1960. Foi um período de grande importância econômica, política e cultural para Recife, a capital pernambucana, berço de Ascenso Ferreira, o poeta do Poço da Panela, no bairro de Dois Irmãos, de Manoel Bandeira, de Capiba e Nelson Ferreira, campeões do carnaval brasileiro por décadas, do poeta Marcus Accioly, autor de *Ó de Itabira*, uma homenagem a Carlos Drummond de Andrade, e outros.

A história do cinema brasileiro registra o *Ciclo do Recife* como um dos momentos importantes da cinematografia nacional, destacando o realizador Jota Ferreira (também homem do rádio) que dirigiu os clássicos *O Advogado do Diabo* e *Aitaré da Praia*. No campo da radiodifusão, estudos e pesquisas do professor Luiz Maranhão Filho, da Universidade Federal de Pernambuco, concluíram que o rádio brasileiro surgiu em Pernambuco, sendo pioneira a Rádio Clube, apesar da polêmica com estudiosos de outras regiões sobre o assunto. Antônio Maria, Chico Anísio, Abelardo Barbosa (o Chacrinha), Luiz Bandeira, Gilvan Chaves, Fernando Barreto, Lourenço da Fonseca Barbosa (o Capiba), Nelson Ferreira e outros, passaram pela Rádio Clube.

Os recifenses se orgulhavam da sua capital, que ostentava a terceira posição no país, antecidos pelo Rio de Janeiro e por São Paulo; o açúcar era a maior riqueza do estado, onde se situavam as mais importantes usinas e plantações de cana-de-açúcar. Mais tarde, no governo JK, com a entrada do capital estrangeiro, teve início um processo rápido de industrialização que mudou o modelo do país de agrário para industrial, fazendo com que a cidade perdesse a referência.

Nos seus primórdios, o rádio nordestino viveu em função dos modelos de outros centros. O cantor paraibano Eclipse, por exemplo, crooner da orquestra Tabajara de Severino Araújo imitava Blecaute. De uma maneira geral, o rádio de Pernambuco era o mais profissional da região, com ênfase no radiojornalismo. Fãs clubes também existiram, à moda dos cariocas.

Duas importantes emissoras se sobressaíram em Recife, a Rádio Clube de Pernambuco, dos Diários Associados de Assis Chateaubriand, em 1919, e a Rádio Jornal



do Comércio, do grupo Pessoa de Queiroz, em 1948. Essas emissoras aderiram ao trinômio “novelas-programas de auditório-radiojornalismo”, da Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Recife teve seu cast de radioatores famosos que nada deviam aos ídolos da Rádio Nacional: Geraldo Liberal (Jerônimo, o herói do sertão), Marilene Silva (Aninha, a eterna noiva de Jerônimo); o Repórter Esso (apresentado com exclusividade por Edson de Almeida). Os programas recifenses de auditório tinham na figura do apresentador Fernando Castelhão (falecido em 2008) sua maior figura. Neles, se destacaram cantores, atores, locutores e produtores dos estados vizinhos da Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Alagoas com uma tendência comum: grande número desses artistas, logo depois de se apresentarem para o público pernambucano, pegava o primeiro *Ita* com destino ao Rio de Janeiro. Enquanto se implantava na região, buscando sua linguagem e formas de comunicação, o rádio nordestino ia exportando para o resto do país artistas que venceram obstáculos e deixaram sua marca no cenário radiofônico regional, e posteriormente, no campo nacional.

Um dos primeiros foi o maestro Severino Araújo e sua orquestra Tabajara, que fez sucesso ao animar, inicialmente, os programas de auditório da Rádio Tabajara, na Paraíba, tocando no estilo “Glenn Miller”, embora com repertório brasileiro. Após uma passagem pelas rádios de Recife, em 1944, Severino Araújo estabeleceu-se no Rio de Janeiro onde ainda anima bailes no mesmo modo que o consagrou na Paraíba. Em 1956, a Orquestra Tabajara foi considerada pela crítica a melhor orquestra do ano, destacando-se os elogios dirigidos ao grupo e ao maestro Severino Araújo pelo compositor Jair Amorim, que participou da escolha.

Severino Dias de Oliveira, o Sivuca, nasceu em Campo Grande, distrito de Itabaiana, na Paraíba, em plena Revolução de 1930. Entre 1939 e 1945 tocava sanfona nas festas do interior nordestino. Foi convidado pelo maestro Nelson Ferreira, de Recife, para atuar no programa de calouros “Divertimentos Guararapes”. De 1948 a 1955 fez parte do cast da Rádio Jornal do Comércio de Recife, onde aprendeu teoria musical com os músicos da orquestra da emissora. Durante três anos estudou harmonia com Guerra Peixe. Gravou o primeiro disco em 1949 e sua estréia no rádio paraibano ocorreu em 1945.

No final dos anos 1940, o Trio Nordestino saiu de Campina Grande, segunda maior cidade da Paraíba, para divulgar a música regional no sul do país, contando com a ajuda de Luiz Gonzaga. O conjunto cantou em programas de auditório na Rádio Tabajara e depois em rádios de Recife. De Campina Grande também saiu Jackson do Pandeiro,



nascido em Alagoa Grande, que fez parceria com sua mulher Almira Castilho em programas de auditório e gravações, virando um ícone entre os novos da Música Popular Brasileira, entre eles Alceu Valença.

Maria Inês de Oliveira Farias, a Marinês, formou um grupo chamado *Marinês e sua Gente*, e juntamente com o marido, o sanfoneiro Abdias, saiu de Campina Grande em 1955, passou pelos programas de auditório da rádio Tabajara e das emissoras de Recife e foi aceita no sul do país ao participar de autênticos forrós nordestinos promovidos por entidades ligadas à cultura nordestina.

Severino Rangel de Carvalho, o Ratinho, da dupla Jararaca e Ratinho, também era paraibano; morreu no Rio de Janeiro aos 75 anos de idade, no dia oito de setembro de 1972. Participou do grupo “Os Turunas de Pernambuco”, e da dupla Jararaca e Ratinho. José Luiz Calazans, o Jararaca, era alagoano e morreu no Rio de Janeiro aos 81 anos de idade, no dia nove de outubro de 1977.

O teatrólogo Paulo Pontes nasceu em Campina Grande, Paraíba, no dia oito de novembro de 1940 e morreu no Rio de Janeiro aos 36 anos de idade, no dia 27 de dezembro de 1976. Na juventude, escrevia e apresentava textos na Rádio Tabajara. Em 1962, Oduvaldo Viana Filho, o Vianinha, passou uma temporada em João Pessoa com o Teatro de Arena. Impressionado com o trabalho de Pontes, Vianinha convidou-o para trabalhar no Rio de Janeiro. Um de seus programas na Rádio Tabajara era humorístico e tinha grande aceitação do público, porque retratava o cotidiano de uma família brasileira e seus problemas tais como falta de escola, desemprego, falta de assistência médica, falta de moradia e outros males que ainda afligem a sociedade brasileira. Escreveu as peças *Um Edifício chamado 200* (1971), *Check Up* (1972), *Dr. Fausto da Silva* (1973) e *Gota d'água* (em parceria com Chico Buarque de Holanda). Criou o roteiro do show *Brasileiro, profissão esperança*. Tinha um organismo bastante frágil e desde os 10 anos de idade freqüentava consultórios e salas de cirurgia. Aos 19 anos contraiu uma úlcera e apresentava vestígios de uma antiga lesão pulmonar. Certa vez disse aos amigos: “Faço dieta por causa da úlcera, ao mesmo tempo, devido ao problema do pulmão, os médicos dizem que tenho de me alimentar bastante. Propus que eles escolhessem entre me matar do pulmão ou de úlcera”.

Fernando Lobo, amigo e parceiro de Antônio Maria, viveu a sua juventude também em Campina Grande, na Paraíba, onde estudou piano com o pai do compositor de frevos Capiba. Nasceu em Recife, em 26 de julho de 1915 e morreu no Rio de Janeiro, em 22 de dezembro de 1996. Enquanto estudava Direito em Recife, para sobreviver



apresentava-se como crooner e solista de violino da Jazz Band Acadêmica. Sua primeira música foi o frevo-canção *Alegria*. Atuou no jornalismo pernambucano até 1939 quando viajou para o Rio de Janeiro onde trabalhou nas revistas *O Cruzeiro*, *A Carioca* e *A Cigarra*. Foi diretor da Rádio Tamoio, do Rio de Janeiro. Em 1945, nos Estados Unidos, trabalhou na NBC e CBS. Suas músicas de maior sucesso são *Ninguém me ama*, *Nêga Maluca* e *Chuvas de Verão*. É o pai do cantor e compositor Edu Lobo.

Um duo formado por filhos do cacique Ugajara, *senhor das águas*, chefe da tribo Tabajara, nascido na Serra de Ibiapaba, no Ceará, fez dos programas de auditório da Rádio Tabajara e também de Natal e Recife, um ponto de partida para sua trajetória de fama até no exterior. Os Índios Tabajaras, Mussaperê e Herundy cantores e violonistas, no início da carreira chegaram a negar a origem indígena, porém, depois de se aventurar no Rio de Janeiro e conseguir contrato na Rádio Cruzeiro do Sul, assumiram a identidade e fizeram dela sua marca de divulgação, ao utilizar cocares e colares coloridos nas capas dos discos gravados mais tarde.

Agnaldo Coniglio Rayol começou a carreira artística em shows nos programas de auditório na Rádio Poti de Natal, juntamente com as irmãs Zilma e Marly. Fez parte do Trio Puracy, formado por José Percy de Amorim e Silva, o Zé Percy, Geraldo José da Silva Júnior, o Pajeú e Agnaldo Rayol. Quando o grupo tornou-se conhecido no estado, acertou com a Fábrica de Discos Rozemblit, de Recife, a gravação de um disco pelo selo Mocambo, produzido pelo compositor Dozinho, que apresentava na Rádio Trairi de Natal o programa Fábrica de Melodias, onde lançava os mais recentes discos da gravadora pernambucana. Dozinho e Hilário Marcelino, de Recife, assinavam um disco 78 rotações. No lado A, *Vou de Reboque*, interpretado pelo Trio Puracy enquanto no lado B estava gravada uma música com Rinaldo Calheiros. Como o trio ainda era desconhecido fora do estado, a gravação esteve ameaçada porque a Mocambo exigiu por antecipação a venda de quatro mil discos, apesar de Dozinho já ser um produtor experiente no ramo, e Rinaldo Calheiros um cantor popular no Recife e conhecido em Natal. O impasse foi contornado pelo comerciante Aldo Medeiros, dono da Importadora Omar Medeiros, que comprou os quatro mil discos. Agnaldo Rayol ficou pouco tempo no trio; em 1956 seu pai, que era músico militar, foi transferido para o Rio de Janeiro. Como dependia financeiramente do pai, acompanhou-o.

Nascido em Serraria, no interior da Paraíba, no dia 1º de dezembro de 1929, Roberto Luna tornou-se famoso intérprete de boleros, entre eles, a versão *O Relógio*. Seu nome verdadeiro era Waldemar Faria, e o nome artístico foi dado pelo apresentador



Afrânio Rodrigues durante um programa de calouros na Rádio Tabajara. Ao deixar a Paraíba, passou curta temporada no rádio pernambucano; depois, no Rio de Janeiro consolidou seu estilo de intérprete de boleros, geralmente versões de autores famosos como Roberto Cantoral, Agustín Lara e outros.

A partir de 1940, o Rio de Janeiro foi submetido a grandes mudanças urbanas e culturais. Frequentavam-se os Cassinos da Urca e do Copacabana Palace Hotel. Durante a primeira metade da década de 50, quando Maria escreveu no *Globo* a coluna "Mesa na pista", o centro das notícias era na Boate Vogue, uma iniciativa do barão austríaco Stuckart, que era identificada como um espaço sofisticado da noite, tornando-se um ponto obrigatório para o chamado café society, - a elite carioca – e de todos os que circulavam na Capital da República de então, o Rio de Janeiro.

Segundo Maria, nunca existiu nada como a Vogue: lá, as mulheres tinham os cabelos penteados por Renauld do Copacabana Palace e os homens vestiam ternos do London Taylor's. Maria contrastava: calçava alpargatas e usava calças atadas por um barbante, com o colarinho das camisas carecendo de lavagem. Entretanto, Copacabana era seu território e a ele foi atribuída a frase *a noite é uma criança*. A boemia de Copacabana não era caracterizada unicamente pelo consumo de álcool ou de drogas, na época em que viveu Antônio Maria. Era mais um modo de vida musical e dançante. Em 16 de agosto de 1955, Maria comentou sobre o incêndio que destruiu a Vogue: “A tragédia do cantor norte-americano Warren Hayes [...] causou emoção profunda [...]. Warren teve o seu apartamento quase respeitado pelas chamas. mas o calor foi intenso, [...] fazendo-o preferir o salto no espaço”.

A Cidade Maravilhosa ressentiu-se com a mudança do Distrito Federal para Brasília, pois Ministérios, Câmara e Senado se transferiram para lá; Copacabana também sentiu os efeitos da mudança ocorrida na cidade. Uma campanha do governo federal procurava incentivar a ocupação de Brasília; a nova capital federal acenava para todos crescerem com ela. Billy Blanco, também um cronista do Rio de Janeiro, contrário ao êxodo, compôs *Não vou pra Brasília*, samba lançado em 1957.

No ano da morte de Antônio Maria, no campo da música e das artes, no país, destacam-se, entre outros, alguns acontecimentos importantes: em 9 de fevereiro morria o compositor e radialista Ary Barroso; em 10 de julho Glauber Rocha lançava o marco do cinema novo *Deus e o Diabo na Terra do Sol*; em 9 de novembro morria no Rio de Janeiro a escritora Cecília Meirelles, dois dias após completar 63 anos; em dezembro estreava no Rio de Janeiro o "Show Opinião", com Zé Keti, Nara Leão, Maria Bethânia



e João do Vale interpretando textos de Oduvaldo Vianna Filho, Armando Costa e Paulo Pontes.

Conforme Severiano & Mello (1998, p. 41), para a MPB o período 1946-1957 marca a transição entre a Época de Ouro e a Bossa Nova. A polêmica relação conjugal entre Herivelto Martins e Dalva de Oliveira rendeu sambas-canção, boleros e sambas-fossa, cuja cópia foi *Ninguém me Ama*⁴, interpretada por Nora Ney. O período marca também o apogeu e declínio da música carnavalesca e a introdução de inovações tecnológicas como o disco em 33 1/3 e 45 rotações por minuto – além da televisão. As músicas nasciam das mãos de compositores boêmios em mesas de bares, e falavam de solidão, amores frustrados e infelizes, traições. Castro (1990, p. 90) diz que o samba-canção “surgiu quando o samba e a canção foram apanhados na cama [...] embora houvesse suspeitas de que o pai da criança fosse o bolero, num momento em que o samba estava distraído”.

O pesquisador Jairo Severiano (apud SANTOS, 1997, p. 127) conta que o gênero “brega romântico” teria nascido em 1957 com os primeiros sucessos do baiano Anísio Silva (morto aos 68 anos de idade, de ataque cardíaco, a 18 de fevereiro de 1989, no Rio de Janeiro). É um gênero filho direto do bolero de Gregório Barrios e das necessidades de se fazer entender pelas empregadas domésticas da época como em *Interesseira*, *Alguém me disse* e *Devolva-me*.

A Vida Breve

(Os homens tristes geralmente fazem graça)

Antônio Maria Araújo de Moraes (o “Tombo”, apelido familiar) nasceu em 17 de março de 1921, em Recife, um ano antes da chegada oficial do rádio e um ano antes do Centenário da Independência. Os pais, Inocêncio Ferreira de Moraes e Diva Araújo de Moraes tiveram mais quatro filhos. Nasceu numa casa grande da Rua União; o avô materno, Rodolfo Araújo, era dono do Engenho Cachoeira Lisa. Passou a infância entre o velho sobrado da família na cidade e o engenho do avô, para onde costumava ir durante as férias escolares com os irmãos e primos. Foi aluno do Colégio Marista de Recife e estudou, também, piano, inglês e francês, fato comum às crianças da classe alta na época. No final da adolescência, já era amigo de vários compositores, a exemplo de Fernando Lobo, Arlindo Gouveia e Hugo Gonçalves Ferreira (Hugo Peixa). Enveredou

⁴ A música foi cantada no filme *Carnaval Atlântida*, realizado no final de 1952 por José Carlos Burle, com números musicais dirigidos por Carlos Manga.



pela boemia, passando a frequentar o Cabaré Imperial, e um pequeno bar chamado Gambrinus, na zona portuária do Recife⁵.

Filho e neto de usineiros e estudante de agronomia, Maria estagiou na própria usina da família, como técnico de irrigação de cana-de-açúcar. O pai, que costumava especular com os preços do açúcar, prevendo uma alta do produto, comprou o açúcar que pode. Os preços dispararam: 50, 70, 100 cruzeiros o saco de 60 quilos, e ele aguardando que chegasse a 120 cruzeiros. Em apenas um dia, desceu para 15 cruzeiros, obrigando o especulador a vender tudo porque grande parte do açúcar estava se deteriorando no calor e umidade nos armazéns do Cais de Santa Rita, o porto de Recife. Foi uma situação histórica semelhante à quebra da Bolsa de Nova Iorque, quando, segundo historiadores americanos, bilionários acordaram no dia seguinte à queda tendo que vender maçãs nas ruas para sobreviver. Numa de suas crônicas, Maria relata: “Amanhecemos pobres, nossos automóveis foram ser carros de praça, o veraneio da praia ficou para quando Deus desse bom tempo.” Santos (1996, p. 16) diz que “a falta de dinheiro que o acompanharia pelo resto da vida, tornara-se um drama familiar.”

Aos 17 anos, começou a trabalhar na Rádio Clube de Pernambuco como locutor e apresentador de programas musicais e locutor esportivo. Em março de 1940 viajou para o Rio de Janeiro a bordo do navio do Ita *Almirante Jaceguai*⁶. Na então capital federal foi morar com o jornalista Fernando Lobo, o amigo de farras pernambucanas; o local ainda era dividido com Abelardo Barbosa, o Chacrinha e depois com Dorival Caymmi⁷. O apartamento estava localizado no edifício Souza, na Cinelândia, perto dos Arcos da Lapa, chamada de “Montmartre tropical” por alguns intelectuais da época. Essa primeira experiência carioca não foi bem-sucedida, durando apenas 10 meses. Não escreveu crônica alguma nem compôs músicas nesta fase, durante a qual passou fome e foi até preso.

Demorou pouco como locutor esportivo da Rádio Ipanema (dirigida na época por Carlos Frias), devido às novidades que quis introduzir nas jornadas e não foram compreendidas pelos ouvintes, como *chutar a bola no fotógrafo* (quando a bola ia para fora), *entrar de guarda-chuva aberto* (o jogador penetrava na área adversária com facilidade e fazia o gol). A época, 1940, não era ainda para essas novidades, mesmo que o

⁵ Neste bar, um marinheiro americano embriagado tocou dezenas de vezes ininterruptas o recém gravado sucesso de Nelson Gonçalves *Maria Betânia*, do compositor Capiba. Os frequentadores do bar, irritados, quebraram o disco e a “radiola”, e espancaram o marinheiro.

⁶ A canção de Dorival Caymmi *Peguei um Ita no Norte*, de 1945, deve-se aos nomes dos navios da Companhia Nacional de Navegação, que levavam, entre outros, os nomes *Itaquicé*, *Itaqui*, *Itanajé*, *Itatiaia* e *Itamaracá*.

⁷ Chacrinha dizia que Caymmi vendia uísque falsificado para ajudar no orçamento.



gênero narração esportiva tenha sido um dos primeiros a se popularizar no rádio. Em 1941 pegou um *Ita*, de volta para Recife. Em maio de 1944, casou com Maria Gonçalves Ferreira (com quem teve dois filhos, Antônio Maria Filho e Rita), filha do usineiro Tônico Ferreira e irmã do amigo Hugo Peixa. Trabalhou ainda em Fortaleza como locutor esportivo, na Rádio Clube do Ceará, onde ficou quase um ano; em seguida, assumiu a direção de produção das Emissoras Associadas, em Salvador. Na capital baiana chegou a se candidatar ao cargo de vereador.

Voltando para o Rio de Janeiro em 1947, exerceu o cargo de diretor de produção na Rádio Tupi, também das Emissoras Associadas, e assinando em *O Jornal* uma coluna que se tornou famosa, o “Jornal de Antônio Maria”, onde escrevia diariamente crônicas sobre os mais diversos assuntos. Foi o primeiro diretor de produção da TV Tupi, convidado pessoalmente por Assis Chateaubriand; até então, Maria já havia feito muitos jingles, principalmente com Geraldo Mendonça e o maestro Aldo Taranto. Santos (1996, p. 26) chamou de “... a volta por cima da carne-seca”, este seu retorno ao Rio de Janeiro.

Em 1952, o governo Getúlio Vargas, em troca de apoio político, investiu recursos financeiros na rádio Mayrink Veiga. Maria transferiu-se para lá com um contrato de 50 mil cruzeiros, o mais alto salário do rádio no país. Levou para a nova emissora o “Rua da Alegria”, invertendo o nome para “Alegria da Rua”. Escreveu ainda “Teatro de Comédia”, “Levertimentos”, “Cássio Muniz o cronista do mundo”, e “Regra Três”.

Chegou a ter três programas por semana, num ritmo de produção de mais de 13 laudas cada um. Além disso, compunha, escrevia as colunas dos jornais e os shows da boate Casablanca e produzia jingles para diversos produtos, entre eles o de Aurissedina, remédio para dor de ouvido, que ficou famoso na voz de Dircinha Batista. Em 1957, atuou na TV Rio com o programa “Rio Eu gosto de você” com Ary Barroso, e de 1958 a 1961 produziu e apresentou “Preto no Branco”. Como entrevistador, destacou-se no programa “Encontro com Antonio Maria”, onde, certo dia, galanteou a cantora Maysa no ar. No início dos anos 1960 sentia-se muito cansado com a intensa atividade; corria freneticamente atrás de trabalho para ter o dinheiro necessário no fim do mês que permitisse pagar as dívidas. Os médicos desistiram de recomendar cuidado com o coração, ao que ele, bem no seu estilo, se autodenominou “cardisplicente”. Numa de suas crônicas, ele diz, segundo Santos (1996, p.122):



Minhas dívidas começam a inquietar-me. Hoje deveria ter pago, no mínimo, 50 mil cruzeiros. Não paguei nenhum tostão sequer. Isso me dá uma depressão tremenda. Quando irei consertar minhas finanças? Acho que nunca. Se morresse hoje não tinha como pagar nem um enterro de terceira. [...] Acordei faminto e comi uma quantidade enorme de carne com feijão. Engordo. Tenho uma íntima e incontrolável necessidade de ser gordo. Preciso perder no mínimo 30 quilos.

Não tocava instrumento e cantarolava a música, fazendo a letra à medida que compunha. De acordo ainda com Santos (1996, p. 28), na Rádio Tupi, “Maria batia o corner e corria para cabecear. Dirigia o departamento artístico, fazia musicais, humorísticos, jingles e transmitia jogos”. Neste campo, inventou com Ari Barroso a transmissão em dupla: cada um irradiava as jogadas de um time. Era preciso criatividade para enfrentar a audiência da Rádio Nacional (a Tupi era a segunda colocada em audiência, no Rio de Janeiro).

O sucesso como compositor começou em 1952, quando lançou *Menino grande e Ninguém me ama*, em parceria com Fernando Lobo, na voz de Nora Ney, então cantora estreadante. Em 1954 conheceu Ismael Neto, um paraense líder de Os Cariocas, nascendo aí *Valsa de uma cidade e Canção da volta*, esta última que lançou Dolores Duran como cantora. A posteridade fez uma confusão com seus frevos, conforme a *Breve História da Música Brasileira*, da Editora Collector’s:

O primeiro deles [frevos] se chamava *Recife* e foi gravado pelo Trio de Ouro em 9/8/51, na Victor, disco nº 80.0829-B. É o mais bonito deles. Na *História da Música Brasileira* editada pela Editora Abril em 1970 este frevo aparece com o nome de *Frevo nº 2* cantado por Maria Bethania e no texto sobre a música está escrito que a primeira gravação é de Luiz Bandeira, na Continental em 26/12/53. O *Frevo nº 2 do Recife* (este é o nome correto) gravado por Luiz Bandeira (Disco Continental nº 16881-B) é inteiramente diferente [...] Maria Bethania cantou *Recife*, erroneamente chamado de *Frevo nº 2*. Mais tarde Antônio Maria compôs o *Frevo nº 3* que foi gravado na Mocambo por Claudionor Germano, em 1967 (Disco nº 15-188-B).

No *Frevo nº 2 de Recife*, Antônio Maria extravasa as recordações de sua cidade natal repetindo várias vezes a palavra saudade. Neste frevo, o destaque é o acompanhamento da Orquestra Tabajara, de Severino Araújo, clarinetista da Rádio Tabajara da Paraíba que fez parte do êxodo de artistas nordestinos rumo ao rádio do sul do país. Com Luiz Bonfá, compôs em 1959 *Manhã de Carnaval*, que teve centenas de gravações pelo mundo afora, e *Samba de Orfeu*, ambos para o filme *Orfeu do Carnaval*, de Marcel Camus.

Os amigos brincavam com Maria a respeito do sucesso *Ninguém me Ama*; ele se fazia de desentendido, mas, com o passar do tempo, começou a ficar irritado com isso.



Ary Barroso detestava a canção, considerava-a um simples bolero. Castro (1990, p. 90 conta):

Embora o sucesso da música tenha lhe garantido o uísque durante muitos anos, até Antônio Maria se encheu dela, porque já não podia entrar nas boates sem que o *crooner* começasse a cantá-la, para puxar-lhe o saco. Numa dessas, na boate Michel, quando o pianista, ao vé-lo, atacou a introdução, Maria antecipou-se ao cantor e parodiou a sua própria letra, cantando: “*Ninguém me ama / Ninguém me quer / Ninguém me chama / De Baudelaire.*”

A chegada da Bossa Nova lhe trouxe algum desgosto, pois Tom Jobim chamou a “música do passado” de “macambúzia, sorumbática e medita-bunda”, além de derrotista. Segundo Castro (1990, p. 241), Maria não via qualidade na música produzida pelos jovens bossanovistas e se irritava com o desdém às músicas de João Pernambuco, Fernando Lobo, Sílvio Caldas, Wilson Batista, Herivelto Martins e dele próprio. Pela sua coluna diária, desafiou a Bossa Nova inteira para um debate no seu programa “Preto no Branco”, ao qual compareceu apenas André Midani, diretor da gravadora Odeon, que não soube defender a nova música a contento. Nas suas crônicas, Maria continuou provocando os compositores e cantores da Bossa Nova, entre eles Ronaldo Bôscoli. A briga quase chega a uma tragédia, evitada a tempo por Aloysio de Oliveira que os separou de um embate corpo a corpo mais sério.

Escreveu na *Revista da Semana* e na *Manchete* entre 1953 e 1956. De 1951 a 1955, escreveu em *O Jornal*, dos Diários Associados, as colunas “A Noite é Grande” e “O jornal de Antonio Maria”; de 1955 a 1959, estava em *O Globo*, com a coluna “Mesa de Pista”; de 1959 a 1961, na *Última Hora*, tinha duas colunas diárias: “Jornal de Antonio Maria” e “Romance Policial de Copacabana”. De 1961 a 1962 transferiu-se para o *Diário da Noite*, e de 1962 a 1964 escreveu em *O Jornal*. Produziu por volta de três mil crônicas.

Em 1960, apaixonou-se por Danuza Leão, a esposa de seu patrão Samuel Wainer, de *A Última Hora*, que, apesar de tudo, manteve Maria escrevendo no jornal. Wainer e Danuza se separaram em junho de 1961; ela e os filhos viajaram para a Europa durante a crise que se seguiu à renúncia de Jânio Quadros e o impasse da posse de João Goulart, voltando pouco depois. Maria e Danuza foram morar num apartamento na Lagoa, onde ele escrevia com a amada no colo. O casal costumava oferecer um vatapá semanal aos amigos. Danuza o deixou em 1964 e voltou a viver com Wainer, então exilado na França. Os amigos contam que a partir da separação Maria mudou, passou a ser uma pessoa triste, produzindo crônicas mais líricas. Sem Danuza, mudou-se para um



apartamento em Copacabana, onde a mobília era uma mesa, uma cama e um armário. Em 1964, sofreu dois infartos, o último, em outubro, foi fatal.

Brincava com a sua condição de cardiopata. Depois de uma crise de depressão, durante a qual ficou dois meses sem escrever, redigiu um bilhete para o amigo com quem morava: “Se me encontrar dormindo, deixe. Morto, acorde-me”. Ao voltar a escrever n’*O Jornal*, anunciou aos leitores: “Com vocês, por mais incrível que pareça, Antônio Maria, brasileiro, 43 anos, cardisplicente (isto é: homem que desdenha do próprio coração). Profissão: Esperança”. Em outubro de 1964, Miguel Gustavo procurou Antonio Maria para um convite, a produção de um programa de TV, ao qual Maria respondeu com um bilhete premonitório: "Nome Antonio, simples. Telefone 36-1255, mas só até o dia 14 porque saio do ar..."

O Fim

(Some daqui um traço constante de alegria, de exaltação à beleza e de exuberância humana. Todos sentimos profundamente a sua irremediável partida. Os seus companheiros de jornalismo, os seus leitores, todos)

Como ele mesmo anunciou a Miguel Gustavo, na madrugada de 15 de outubro de 1964 morreu de um enfarte fulminante do miocárdio, na calçada do restaurante Round Point, famoso pela sopa de cebola, que ficava na esquina da rua Fernando Mendes com Nossa Senhora de Copacabana, em Copacabana. Amigos saíram da boate O Cangaceiro, vizinha ao restaurante e tentaram aplicar os primeiros socorros, mas em vão. No velório, na capela do cemitério São João Batista, Fernando Lobo chorava, transtornado, e batia no rosto de Maria dizendo: “- Adeus, meu amigo! Agora você não tem como brigar com o Lobinho!” Santos (1996, p.135) comenta a sua morte:

Alguns amigos, nem todos, acham que Antônio Maria morreu como havia anunciado: de cardisplicência. Infarto fulminante do miocárdio. Não cuidou da saúde do coração. Do ponto de vista médico estava tudo previsto e alertado. Era uma morte cruel, aos 43 anos, mas sem surpresas. Tomava seus comprimidos de Trinitrina, mas era pouco. O próprio Maria escreveu que “cansaço, pé chato e gordura” haviam lhe tornado “essa coisa ansiosa, insegura e com sono”. Enfim, todos sabiam. Outros amigos, no entanto, como Joel Silveira, Walter Clark, Paulo Soledade e Fernando Lobo ficaram com a impressão, quase certeza, de que Maria morreu em forma de samba-canção. De amor.

Seu modo de vida e as circunstâncias em torno de sua morte são similares às da amiga Dolores Duran, morta prematuramente na manhã de 24 de outubro de 1959. Depois da um show no Little Club e uma esticada na noite de Copacabana, Duran disse



para a empregada: "Não me acorde. Estou muito cansada. Vou dormir até morrer", e foi para o quarto. Pela manhã, foi encontrada morta, vítima de um colapso cardíaco.

Depois de sua morte, Maria foi homenageado num espetáculo só com músicas suas e de Dolores Duran - *Brasileiro profissão esperança* - escrito por Paulo Pontes, que estreou em 1970, com Maria Bethânia e Raul Cortês, no Teatro Teresa Raquel, no Rio de Janeiro. Em 1974, este espetáculo foi levado para cervejaria carioca Canecão por Ciara Nunes e Paulo Gracindo. Em 1997, a cantora Marisa Gata Mansa lançou o CD "Encontro com Antônio Maria", em que interpreta 14 músicas do compositor, entre elas o *Frevo n. 2 do Recife, Manhã de Carnaval, Samba de Orfeu, A canção dos seus olhos e O amor e a rosa*.

Um pouco do humor em Maria, o menino grande

*Só há uma vantagem na solidão: poder ir ao banheiro com a porta aberta.
Mas isso é muito pouco para quem não tem sequer a coragem de
abrir a camisa e mostrar a ferida*

Carlos Heitor Cony conta: "Um dia, Maria me telefona: — Carlos Heitor, Carlos Heitor, você nunca me enganou." Disse então que, vindo de São Paulo, viu no avião uma mulher linda lendo o livro *Matéria de Memórias*, de Cony. Aproximou-se, se apresentou como o autor do livro, e a mulher, uma típica apaixonada, acreditou. Pintou para ela um quadro bastante dramático: era um desgraçado, que nunca tinha tido sucesso, que as mulheres o abandonavam." — Mas, Maria..." era tudo o que o espantado Cony conseguia dizer. "— Fica tranquilo, Cony, fica tranquilo porque em seguida nós fomos pra cama. Ou melhor, você foi pra cama." E Cony, curioso: "— E aí?" "— E aí foi que aconteceu o problema" — gargalhava Maria. "— E aí você broxou, Cony, você broxou!" (Santos, pp. 73 e 74)

Uma de suas melhores amigas era Araci de Almeida, grande intérprete de Noel Rosa. A cantora tinha ido visitar o amigo e encontrou a porta do apartamento encostada. Empurrando-a, viu Maria, no meio da sala, nu, de quatro, "traseiro descomunalmente branco", tentando "se auto-aplicar um supositório" (Santos diz "desculpem, mas é preciso biografar todos os detalhes"). E finaliza: "Graças a Deus, Araci [...] já tentei todas as posições e não consegui nada. Me ajuda com essa porcaria aqui". (Santos, p. 69)

Joel Silveira conta que em meados de 1950, Maria o convidou para um passeio até Petrópolis, junto com Rubem Braga, João Ribeiro Dantas, Newton Freitas e uma moça. Quando pararam no bar do Alemão, Maria se aproveitou de um descuido do grupo e colocou laxante no copo de todos. "O passeio acabou, foi um desarranjo geral",



lembra Joel Silveira. “Só alguns dias depois é que o Maria confessou tudo”. (Santos, p. 76).

Em 1959, Maria escreveu uma nota comentando o mau comportamento de Baby Pignatari na noite. Quando se encontraram na boate Sacha’s, o playboy e sócio do Clube dos Cafajestes esbofeteou o jornalista e gritou: “Já estão deixando crioulo entrar na boate?” Às três horas da manhã, na calçada da boate, Baby, acompanhado de dois amigos, e o brigão Maria, se preparam para a luta. “-Vamos quebrar tuas mãos para você não escrever mais bobagens”, gritou Pignatari. “Pode quebrar, eu não escrevo com as mãos”, respondeu Maria, balançando a cabeça e se colocando em posição de defesa. Dois dias depois, Maria relatou a briga na primeira página de *Última Hora*: “Resta-me a satisfação de saber que tanto o Sr. Francisco Pignatari quanto o Sr. Carlos Peixoto e Ludovico de tal sentiram na sua carne o preço de uma dura resistência que eles certamente não esperavam encontrar”. Maria havia apanhado, é claro. (Santos, pp. 105-107).

REFERÊNCIAS

ANTÔNIO MARIA - **30 anos de saudade**. Collector's Notícias, nº 33, novembro/dezembro, 1994

CABRAL, Sérgio. **No Tempo de Almirante**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990

CASTRO, Ruy - **Chega de Saudade**: a história e as histórias da Bossa Nova. São Paulo: Companhia das Letras, 1990

MORAIS, Antônio Maria Araújo de. **Crônicas de Antônio Maria**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **Feliz 1958**: o ano que não devia terminar. Rio de Janeiro: Editora Record, 1997

_____. **Antônio Maria**: noites de Copacabana. Rio de Janeiro, Re-lume Dumará, 1996

SÉRGIO AUGUSTO. **Este Mundo é um Pandeiro**: a chanchada de Getúlio a JK. São Paulo: Companhia das Letras, 1989

SEVERIANO, Jairo e MELLO, Zuza Homem de. **A Canção no Tempo**. Vol.1. São Paulo: Editora 34, 1998

TAVARES, Reynaldo C. **Histórias que o rádio não contou**. São Paulo: Editora Harbra, 1999